

Ministra retorna e espera que investimentos voltem ao País

22 JUL 1990

Zélia voa no jatinho da Fiat da Itália para a França, de onde embarca para o Brasil

REALI JUNIOR
Correspondente

PARIS — A ministra Zélia Cardoso de Mello desembarca amanhã cedo no Brasil (o Ministério da Economia havia informado sexta-feira que ela chegaria no sábado), procedente de Paris, ciente de que não será fácil atrair investimentos e obter novos créditos para o País na atual conjuntura. Isso, apesar dos apelos que fez a ministros, empresários e banqueiros com quem se avistou esta semana, em sua viagem a Londres, Paris, Bonn e Roma.

Em todas essas capitais visitadas, a ministra da Economia explicou os primeiros resultados da política econômica austera do governo Collor de Mello, bem recebida pelas áreas governamentais, mas vista com algum ceticismo pelos grupos empresariais e bancários envolvidos com a dívida externa brasileira.

Muitos empresários hesitam em aumentar seus investimentos no País, escaldados com a suspensão temporária do pagamento de juros e amortizações ao Exterior, preferindo manter-se na expectativa antes de um novo

passo no Brasil, enquanto outros retificam seus planos, procurando privilegiar setores mais favoráveis. Nos próximos dias, por exemplo, desembarca em São Paulo o diretor-presidente do Grupo Rhône Poulenc, Jean René Fourtou, para uma série de reuniões com os executivos de sua principal filial no Brasil, a Rhodia. O anúncio da nova política industrial e de comércio exterior mais liberal não parece ter sido suficiente para convencer a maior parte do empresariado europeu que “chegou a hora de apostar no Brasil”, como repetiu a ministra Zélia Cardoso de Mello diversas vezes.

CONSELHO FRANCÊS

No plano financeiro, a ministra pode contar com a boa vontade dos governos e das instituições financeiras do tipo FMI e Clube de Paris. Hoje, existe um certo consenso político dos governos europeus, para que organizações como o Clube de Paris aumentem as facilidades para os chamados países intermediários que estejam submetidos a ajustes internos. A negociação com o Clube de Paris continua sem data, mas deve seguir o calendário normal, isto é, ser iniciada logo após a negociação com o Fundo Monetário Internacional.

O mesmo já não ocorre com a área financeira privada. Duran-

te o giro europeu da ministra Zélia Cardoso de Mello ficou caracterizada uma certa irritação desses setores pela demora do governo brasileiro em iniciar uma negociação mais direta. Os bancos europeus, mais previdentes, encontram-se em melhor posição do que os norte-americanos. Eles esperaram em vão um aceno da ministra que nada prometeu, motivo pelo qual começam a dar razão às palavras do presidente do Citibank, John Reed, admitindo problemas futuros com as chamadas linhas de crédito de curto prazo, indispensáveis para os bancos brasileiros que trabalham no Exterior e para o financiamento de importações.

Quem melhor definiu a situação foi o ministro da Economia da França, Pierre Bérégovoy. Depois de ter definido a jovem ministra como “inteligente e simpática” e elogiado os esforços do governo na luta contra a inflação, lembrou que a demanda mundial de crédito é atualmente muito grande. A França tem uma prioridade tradicional, a África, atualmente com enormes dificuldades. E não esquece também a demanda de países do Leste europeu, inclusive a URSS. Por isso, aconselha aos países que busquem recursos próprios, por meio de cortes importantes nas despesas públicas e estabelecendo orçamentos de crise.